



José Cardoso Pires

O MÃOS DE SEDA

Nas tardes da Almirante Reis, com os eléctricos a tilintarem, avenida abaixo, avenida acima, a leitaria do Al Capone era duma inocência comovedora. Dois ou três desempregados por conta própria a cervejarem ao balcão, um espelho de parede emoldurado por dois anjos de latão, e na mesa do fundo, sempre na mesa do fundo, o Al Capone em pessoa a acariciar os brilhantes dos anéis.

Às vezes entrava o Mil e Quinhentos, que era um polícia da esquadra de Arroios enxertado de chagal, mas nem a esse se dignava falar. Na sua qualidade de comerciante e de cidadão

Ultimamente lia muito, disse-me ele. Tinha juntado os trapinhos com uma aprendiz de costureira e, em vez de bilhar e galderices, passava os serões em casa a folhear o Alexandre Dumas. “Regenerei-me, Cardoso. O amor não escolhe idades e faz bem à instrução”.

com apelido legal, Al Capone da Conceição fazia-lhe um sinal de cumprimento, ficava-se a vê-lo pelo espelho a despachar as duas cervejas da praxe, e deixava-o sair sem pagar, atravessando arrogantemente o vidro por entre os dois anjos de latão.

Este Mil e Quinhentos metia medo só com a sombra. Só não chegara a chefe porque isso de chefe obrigava a trabalhos de secretaria que não se davam com o seu feito e ele gostava era de fazer o gosto ao dedo quando o gatilho lho pedia ou de amaciar o lombo dos distraídos à força do cassetete. “Tenho os meus métodos”, dizia.

Certo, certo, na leitaria do Al Capone da Almirante Reis, era um Martins a quem chamavam o Mãos de Seda por o dizerem carteirista a

tempo inteiro e pelos muitos saberes dos seus dedos no afagar das cartas e dos dados. Baixo e entroncado, tinha um sorriso muito fresco (apesar de já andar pelos quarenta e tais) e apreciava o bem falar. De tal modo que, quando um dia o Al Capone ordenou ao empregado que mudasse os rótéis das caixas dos caramelos não resistiu e a levantar o sobrolho:

“Róteis? Rótulos, senhor Conceição. Rótulos é que o senhor quer dizer.”

Al Capone da Conceição encolheu os ombros:

“Homem, rótulos é para as garrafas. Róteis é para as caixas.”

E, ponto final, abriu logo o “Diário Popular” na página das palavras cuzadas.

Martins, se não fosse lá por coisas, tinha-o posto logo ali em ordem gramatical, tanto mais que ultimamente lia muito, disse-me ele. Tinha juntado os trapinhos com uma aprendiz de costureira e, em vez de bilhar e galderices, passava os serões em casa a folhear o Alexandre Dumas enquanto a miúda dava ao dedal e aos alinhave. “Regenerei-me, Cardoso. O amor não escolhe idades e faz bem à instrução”.

Só apreciava romances históricos, “casos verídicos”. Desde o Arnaldo Gama ao “Alfageme de Santarém”, não perdia uma frase, uma insinuação, como se estivesse a ler póquer aberto.

Até que um dia desapareceu por inteiro. Na leitaria do Capone, nos bilhares da Portugália e noutros sítios do costume, pensou-se em azares de ofício, mal-entendidos com os agentes da Judiciária, retiros no calabouço — o trivial.

Mas não. Tempo depois já se sabia que numa noite infeliz, algures lá para o Intendente, o polícia Mil e Quinhentos resolvera deitar a luva ao Mãos de Seda, com três coronhadas pelas costas à maneira de cumprimento. Posto o que (como diria Eurico, o Presbítero), surpreso e incontento, o abordado lançou-se ao polícia-chagal

ao chuto e à cabeçada, deixando-o, amén-amén, estendido numa valeta.

“Cardoso”, contou-me ele mais tarde, “quando depois me deitaram a mão, andei tantos dias a levar porrada que só me largaram para me despacharem para o hospital”.

E pronto. Adeus Martins, adeus Arroios, adeus Mil e Quinhentos e tudo o mais, até que anos depois (já eu escrevia livros e inventava pessoas) encontrei o Mãos de Seda no Rossio, com o mesmo sorriso de sempre.

“Eh, pá. Tu, com que então escritor. Li no jornais, com fotografia e tudo.”

Para festejar fomos a um tasco que ele conhecia onde havia um vinho branco carregado de alma e de perfume que nem o melhor champanhe. Chegámos ao balcão, e não é que, vindo dos infernos ou debaixo da terra, nos apareceu um escanzelado, farrapo de homem ou lá o que era a querer cumprimentar-nos?

“Sou o Mil e Quinhentos, talvez não acreditem”, disse ele num fio de voz que mal se ouvia.

Tremi só de o ver ali, ao pé do Mãos de Seda que baixou os olhos e se fez branco e de dentes cerrados. E o outro, de lenço à frente da boca e aos arrancos de tosse, contou que estava forada Polícia, à espera da morte, minado por uma tuberculose desvairada. Queria esquecer tudo, queria que o esquecessem e por isso estava ali a convidar-nos para um copo, uma cerveja, uma ginginha, o que quiséssemos. Ele não. Ele, sem ofensa, bebia um copo de leite para nos fazer companhia.

Olhei para Martins Mãos de Seda, que continuava de cabeça baixa, voltado para o balcão.

“Um copo de branco”, pediu eu.

“E o senhor?”, perguntou o empregado.

Mãos de Seda ficou um instante suspenso.

“Para mim um copo de leite”, respondeu ele, sem tirar os olhos do balcão. ●